

APRENDER OU CERTIFICAR-SE: qual é o meu perfil ao participar em cursos e eventos educacionais, enquanto aprendiz?

Reginaldo A. SILVA¹

RESUMO

O texto propõe uma reflexão sobre as motivações que levam as pessoas, profissionais de diferentes áreas, a buscarem cursos e eventos educacionais: a aprendizagem significativa ou a obtenção de certificados como instrumentos de validação social. A partir de um olhar crítico e com base em autores que discorrem sobre a temática, discute-se a fragilidade da educação, quando se valoriza mais os títulos formais e ações comunitárias em detrimento da real aquisição de conhecimentos. A análise qualitativa revela dois perfis: o aprendiz comprometido com o conhecimento e aquele voltado ao acúmulo de títulos. Em especial, destaca-se o ensino e a atuação como intérprete de Libras, cuja aprendizagem e atuação ultrapassam o caráter técnico, sendo uma ação ética e política voltada à inclusão da comunidade surda. O estudo evidencia que a busca por certificados sem compromisso real com a prática pode perpetuar o capacitismo, o filantropismo e a exclusão. Aprender, nesse contexto, é um ato revolucionário, de responsabilidade coletiva, que contribui para a transformação social. A titulação deve servir ao saber, e não substituí-lo.

Palavras-chave: Motivação, Autocolocação, Acessibilidade, Compromisso, Titulação.

1. INTRODUÇÃO

Em um cenário educacional marcado pela busca incessante por qualificação, surge uma questão fundamental: o que motiva o sujeito a engajar-se em cursos e eventos educacionais? Estaria ele interessado em aprender, internalizar saberes, desenvolver competências? Ou seria o certificado, como instrumento de validação social e profissional, o principal atrativo? Essa reflexão perpassa não apenas as esferas da educação formal e continuada, mas também em processos de construção da identidade de quem aprende.

A contemporaneidade apresenta um paradoxo: nunca se teve tanto acesso à informação e à formação, e ao mesmo tempo, nunca se questionou tanto a autenticidade das aprendizagens adquiridas. Para Nóvoa (2009), formar-se é mais do que acumular certificados; é integrar experiências que transformam o sujeito. Essa afirmação convida a repensar o lugar do certificado na vida do aprendiz, especialmente em tempos em que plataformas virtuais, eventos gratuitos e cursos rápidos se multiplicam exponencialmente.

O conceito de aprendizagem significativa, proposto por Ausubel (2003), fundamenta essa discussão ao enfatizar que o aprendizado só é efetivo quando novos conhecimentos se conectam de forma relevante à estrutura cognitiva do sujeito. Se o certificado se sobrepõe ao conteúdo, o processo deixa de ser significativo, tornando-se meramente decorativo.

Outro ponto importante é o valor simbólico do certificado na sociedade atual. Como afirma

¹ Professor de Língua brasileira de sinais - Libras – IFSULDEMINAS, Campus Machado e Tradutor-Intérprete de Libras – IFSULDEMINAS, Campus Inconfidentes. E-mail: reginaldo.silva@ifsuldeminas.edu.br.

Bauman (2001), vivemos em uma “sociedade líquida”, onde tudo é passageiro, inclusive os saberes. Assim, os documentos que atestam competências ganham destaque como provas visíveis de uma suposta competência, ainda que, muitas vezes, desvinculados da prática real. A educação, neste viés, corre o risco de tornar-se um mercado de títulos, e o aprendiz, um consumidor de selos.

É preciso compreender também o papel da autorregulação na aprendizagem. Zimmerman (2002) explica que aprendizes autorregulados são capazes de identificar suas metas e desenvolver estratégias eficazes para alcançá-las. Esses sujeitos valorizam a aprendizagem em si, e não apenas os produtos que ela oferece. Quando essa postura é substituída pelo imediatismo da obtenção de certificados, corre-se o risco de criar um ambiente educacional frágil, centrado no filantropismo, em aparências; ancorado na coleção de certificados e nas titularidades.

O contexto da inclusão educacional exige ainda mais responsabilidade dos que se propõem a aprender. No caso do ensino de línguas, por exemplo, especialmente a Língua Brasileira de Sinais (Libras), o compromisso com a aprendizagem genuína é uma questão ética e de justiça social. Aprender Libras não é apenas uma competência técnica; é uma ação política que reconhece e respeita a existência e os direitos linguísticos da comunidade surda. A educação bilíngue de surdos exige profissionais que conheçam e vivenciem a Língua de Sinais, não apenas que portem um certificado que apenas cumpre a legislação da promoção e oferta de educação superior. Porém, conforme resultados, revelou-se que os cursos de graduação não atendem adequadamente às exigências legais para a uma educação bilíngue de Surdos (Lima, 2024).

Infelizmente, há aqueles que se ancoram na titularidade, na formação acadêmica de prestígio, ou em ações filantrópicas outrora realizadas. Porém, não obtém ou ignoram o real papel do educador, do profissional comprometido com a educação e do perfil, acerca da exposição em público tendo como público-alvo os espectadores de uma minoria linguística. Silva (2019, p. 110) diz:

Por ora, são muitos os doutores, mestres e especialistas que não se dedicam ao ofício de viver o ensinar com prazer; o comprometimento de atuar, operar e de transformar genuinamente a realidade da educação. O cumprimento é baseado apenas na titulação adquirida e não com um olhar, uma afinidade pedagógica, como uma tarefa a mais e ser executada com excelência. O cumprimento deveria ser não por títulos, mas pelo prazer no ensino somado aos desafios diários e na mediação do conhecimento com a diversidade; o compromisso com a humanização dos homens. A titulação deveria ser a essência da força motriz que moveria servir a todos, independentemente de suas especificidades. É por essa razão, pelo poder da titulação, que a segregação, a exclusão e a indiferença com o outro, nasce, multiplica-se, enraíza-se e se perpetua.

Dessa forma, este artigo convida o leitor a fazer uma autoanálise enquanto aprendiz: o que me motiva a buscar cursos e formações? Estou construindo saberes ou colecionando certificados? E, mais do que isso, qual o impacto dessa escolha na sociedade, especialmente quando o aprendizado

envolve ferramentas de inclusão e acessibilidade?

2. MATERIAL E MÉTODOS

Foi realizada uma análise qualitativa reflexiva, com base em autores que discutem aprendizagem, motivações do sujeito, a função social da educação e a atuação de profissionais no contexto de tradução e interpretação de língua de sinais, considerando também vivências pessoais em cursos e eventos como aprendiz observador-participante.

Figura 1 - Onde me encontro?



Fonte: Imagem gerada por IA, Gemini.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das experiências formativas e das reflexões suscitadas por autores das áreas indicam que há, de fato, dois perfis predominantes entre os participantes de cursos e eventos educacionais: o que busca aprender de forma genuína e aquele que se interessa, majoritariamente, pela obtenção de certificados. Ambos coexistem no cenário atual, mas suas consequências são significativamente distintas. Enquanto o primeiro perfil tende a construir uma trajetória baseada em conhecimento, prática e transformação pessoal, tornando-se fluente e empenhando-se para não engessar com o tempo, mantendo-se atualizado no ofício que escolheu, o segundo reproduz uma lógica de mercado em que o conhecimento é mercadoria, e o certificado é a embalagem; muitas vezes, em cursos que há metodologia diferenciada e que são propostas atividades práticas - gravações de vídeos e apresentações ao vivo, por exemplo - abandonam o curso ou tentam justificar-se com “a falta de tempo”, “imprevistos” ou “outras demandas emergentes”.

Notou-se que muitos sujeitos, ao final de eventos educacionais, demonstram mais preocupação em como acessar o certificado do que em discutir os conteúdos vivenciados. Isso

reveia uma cultura de validação externa, que pode fragilizar a aprendizagem. Por outro lado, experiências com aprendizes comprometidos com a aprendizagem mostram uma postura ética, especialmente em cursos como os de Libras, onde o aprendizado impacta diretamente a acessibilidade comunicacional de pessoas surdas. Esses sujeitos compreendem que aprender não é apenas um benefício pessoal, mas um ato social de responsabilidade coletiva, inclusiva e de respeito à diversidade linguística dos sujeitos.

4. CONCLUSÃO

Aprender deve ser uma escolha movida pela transformação e pelo compromisso com a construção de saberes, especialmente quando se trata da aprendizagem de línguas que promovem inclusão, como a Língua de Sinais. A obtenção do certificado é relevante, sim, mas não pode se sobrepor à responsabilidade ética do aprendizado real, que permite o diálogo com sujeitos historicamente invisibilizados. Aprender por aprender é uma atitude revolucionária, enquanto aprender apenas para certificar-se é uma estratégia vazia, que pouco contribui para o avanço da sociedade e assim, o filantropismo, o capacitismo, a exclusão e o desrespeito às minorias, sejam elas linguísticas ou não, continuam. Que cada aprendiz, ao participar de cursos e eventos, reflita: estou aqui para saber ou para provar que estive?

REFERÊNCIAS

AUSUBEL, D. P. **Aquisição e retenção de conhecimentos**: uma perspectiva cognitiva. Lisboa: Plátano, 2003.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

LIMA, M. D. **Política de formação de professores para educação bilíngue de surdos**. 2024. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-graduação em Educação. Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.te.2024.5503>. Acesso em: 12 jun. 2025.

NÓVOA, A. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2009.

SILVA, R. A. O Tradutor-Intérprete de Libras na Educação: Inserção Precipitada e a Invisibilidade nas Competências e a Formação Fragilizada. **Revista Virtual de Cultura Surda**, n. 23, 2018. Disponível em: <https://libras.uff.br/edicao-23/>. Acesso em: 1 jun. 2025.

SILVA, R. A. **O ingresso e a formação acadêmica do sujeito surdo**: singularidades, conquistas e desafios da educação inclusiva no espaço universitário. 211f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, MG, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/2M6Sqph>. Acesso em: 25 maio. 2025.

ZIMMERMAN, B. J. Becoming a Self-Regulated Learner: An Overview. **Theory into Practice**, v. 41, n. 2, p. 64–70, 2002. Disponível em: https://doi.org/10.1207/s15430421tip4102_2. Acesso em: 19 jun. 2025.